

O IRMÃO ALEMÃO

CHICO BUARQUE

COMPANHIA DAS LETRAS

1

Asa de inseto, nota de dez mil-réis, cartão de visita, recorte de jornal, papelzinho com garranchos, recibo da farmácia, bula de sonífero, de sedativo, de analgésico, de antigripal, de composto de alcachofra, há de tudo ali dentro. E cinzas, sacudir um livro do meu pai é como soprar um cinzeiro. Desta vez eu vinha lendo O Ramo de Ouro, numa edição inglesa de 1922, e ao virar a página 35 dei com uma carta endereçada a Sergio de Hollander, rua Maria Angélica, 39, Rio de Janeiro, Südamerika, tendo como remetente Anne Ernst, Fasanenstrasse 22, Berlin. Dentro do envelope, um bilhete batido à máquina em papel almaço amarelado e puído:

Berlin, den 21. Dezember 1931

Lieber Sergio

Durch Dein Schweigen errate ich.....

.....
.....
.....
.....
.....
.....
.....
.....
.....
.....
.....
.....

pos ouvi em casa mencionarem um filho seu na Alemanha. Não foi discussão de pai e mãe, que uma criança não esquece, foi como um sussurro atrás da parede, uma rápida troca de palavras que eu mal poderia ter escutado, ou posso ter escutado mal. E esqueci, como hei de esquecer esta carta dentro do livro, que preciso guardar na fileira do fundo da estante dupla do corredor. Preciso guardá-lo exatamente em seu lugar, pois se meu pai não admite que eu mexa nos seus livros, que dirá neste. Mas ao pé da estante vejo a minha mãe de cócoras, buscando algum título a mando do meu pai. Não há de demorar, pois é ela mesma quem organiza a biblioteca conforme um sistema indecifrável, sabedora de que se ela morrer ele estará perdido. E nem bem ela entra no escritório com seus passinhos ligeiros, carregando quatro volumes grossos aparados no queixo, me apresso a guardar o meu. Sei que ele estava naquela prateleira acima da linha dos meus olhos, atrás dos poetas portugueses, um palmo à direita da Comédia Humana, porém não será assim tão fácil reencontrar sua vaga. A esta altura os livros já se acomodaram no fundo da estante, já se empurraram uns contra os outros, parece que engordam quando confinados. Na ponta dos pés desloco um Bocage da fileira da frente, depois tateio as lombadas dos dois ingleses que ladeavam o meu. Há algo de erótico em separar dois livros apertados, com o anular e o indicador, para forçar a entrada de O Ramo de Ouro na fresta que lhe cabe.

Quando chego à casa do Thelonious ele já me espera no portão com uma lanterna e um arame de ponta

retorcida. Vagamos pelas ruas arborizadas do bairro, até que ao cair da tarde topamos com um Skoda estacionado bem a jeito, numa esquina em declive sem muita iluminação. Colo as palmas das mãos feito um par de ventosas na janela, faço pressão para baixo e o vidro cede uns dez centímetros. O suficiente para o Thelonious enfiar o arame ali dentro, enganchar e puxar o pino da porta, no que ele é craque. Peço para tomar o volante, destravo o freio de mão, deixo o Skoda rolar a ladeira e antes mesmo que eu encoste no meio-fio, o Thelonious já está quase deitado aos meus pés com a lanterna acesa entre os dentes e a cabeça metida atrás do painel. Remove umas peças que não vejo direito, junta uns fios, e depois de uns estalos e umas faíscas o motor pega. Arranco, engato a segunda, estico a marcha, faço uma curva fechada, costeio o cemitério cantando pneus, e na descida para o centro o Thelonious elogia minhas manobras com um grunhido e um sinal de polegar, mais ocupado em fuçar o porta-luvas com a lanterna abocanhada. Penso que entrar num carro desconhecido, cheirar seu ambiente, pegar pouco a pouco as suas manhas, ajeitar a bunda no assento, alisar o volante, experimentar o jogo da direção, fora isso tudo a melhor parte é mexer no porta-luvas, encontrar entre outras coisas um documento com o nome, a data de nascimento e a foto do proprietário, ou da proprietária. Prefiro que seja homem, me dá mais prazer usar o carro de outro homem, gosto de fitar aquela cara lesada que em geral eles têm no documento. E pagaria para ver a cara deles no instante em que dão por falta

do carro, suas caretas ao examinar caretas de ladrões no fichário da polícia. Já de mulher tenho um pouco de dó, talvez porque as imagine a zanzar pela cidade sem saber onde deixaram o carro, como doidas atrás de um filho que dorme na rua. E na rua Aurora o Thelonious me faz parar ao lado de duas putas velhas, pergunta se elas não querem entrar sem compromisso, só para andar de carro. Desiste das quengas, salta do carro, me faz mudar de banco e assume o comando. Ziguezagueia por umas ruas de paralelepípedo a fim de despistar uma radiopatrulha que ele garante ter visto no nosso encalço. Já numa avenida da Zona Leste que não conheço, me ensina a atentar no motor do carro, perceber o torque, captar aquele lapso em que é possível trocar a marcha sem necessidade de pisar na embreagem. É uma questão de tempo e contratempo, diz, é que nem jazz. Ensaia essa mudança algumas vezes, mas o que ouço quase sempre é um guincho irritado de metais se friccionando. Atravessamos uma linha de trem, e depois de um solavanco o Thelonious descobre que o carro ficou engatado para sempre na terceira. Segue a furar sinais, a ultrapassar os trouxas, procura manter a velocidade até ser obrigado a breicar atrás de um bonde, com o que o motor engasga e morre. Ali mesmo sobre os trilhos abandonamos o Skoda, o que para Thelonious não faz diferença, o tanque já estava mesmo na reserva. Não temos dinheiro para a condução e levamos umas boas horas na volta a pé, porque no caminho não havia nem um carro decente dando sopa. Cruzamos bairros sombrios com fábricas, galpões, cortiços, oficinas

e casas de comércio fechadas. Percorremos ruas tortas que dão num viaduto que desemboca no centro com suas ruas vazias, os arranha-céus às escuras. Depois chegamos a um bairro nobre, de famílias tradicionais, com carros ingleses na garagem das casas que sempre me pareceram grandes demais para seus terrenos. E que por dentro devem parecer ainda maiores que por fora. E que por terem fachadas tão austeras, devem ser mais vistosas pelo avesso, mais vibrantes no avesso onde as pessoas moram. Entrar pela janela de uma casa dessas deve ser como meu pai abrir pela primeira vez um livro antigo.

Passa da meia-noite quando o Thelonious e eu nos separamos na esquina entre as nossas casas, e da rua vejo a luz do escritório do meu pai. Subo a escada com os sapatos na mão para não ter de dar explicações à minha mãe, ou não despertá-la se estiver dormindo. No corredor espio a estante com o rabo do olho e a caminho do quarto passo pela porta sempre aberta do escritório fumacento, onde julgo ver meu irmão e meu pai sentados lado a lado. Vou para a cama com a roupa do corpo, depois me dou conta de que não apaguei a luz. Mas acho que não precisa, posso cobrir a cara com a manta, e debaixo dela não está quente nem frio. Está bom para ficar pensando na minha amizade com o Thelonious, o que me leva a pensar no meu pai com meu irmão, que entra à vontade no escritório mas só lê gibi, o que me leva a pensar em algum dia revelar a meu pai que, bem ou mal, li em francês o Guerra e Paz até a metade, e agora com a ajuda do dicionário inglês penava para compreender O Ramo

de Ouro até achar o bilhete alemão, bilhete que aliás me leva a lembrar que o Thelonious, no tempo em que ainda se chamava Montgomery, andou por aí com outro amigo, um suíço, ou austríaco, um que os pais mandaram para o colégio interno, e de repente sem mais nem menos estou num Oldsmobile com o Thelonious, que me conduz a um internato chamado Instituto Benjamenta, onde o austríaco, ou suíço, um ruivo de cara vermelha e inchada de tanta espinha, esse tedesco lê a carta e dá risadas malignas com a monstruosa boca, com espinhas que lhe invadem os lábios, com espinhas até na língua e nas gengivas, e é realmente um rapaz solícito e de grande delicadeza, que me traduz a carta de Anne bem devagar, me explicando o significado de cada palavra, sua origem, sua etimologia, com uma voz tão suave que nada escuto, o que me leva a cair no sono.